



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARTES

LICENCIATURA EM DANÇA

ROBERTO SILVA DE OLIVEIRA

**CORPO DANÇANTE: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE DANÇA NO
ESTÁGIO EXTRACURRICULAR NO IFPE/CAMPUS RECIFE**

Recife

2021

ROBERTO SILVA DE OLIVEIRA

**CORPO DANÇANTE: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE DANÇA NO ESTÁGIO
EXTRACURRICULAR NO IFPE/CAMPUS RECIFE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Dança.

Orientador: Profº Esp. Diogo Lins de Lima

Recife

2021

ROBERTO SILVA DE OLIVEIRA

**CORPO DANÇANTE: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE DANÇA NO ESTÁGIO
EXTRACURRICULAR NO IFPE/CAMPUS RECIFE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Aprovado em 27 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Esp. Diogo Lins de Lima - Orientador
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof^a Esp. Antônio José de Oliveira - Membro Externo
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Prof^o Ms. Jefferson Elias de Figueirêdo - Membro Interno
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Para Benjamin, eterna saudade...

AGRADECIMENTOS

Com o coração inundado de gratidão... Não poderia esquecer, primeiramente, as duas pessoas que desde sempre confiaram na minha postura e espírito de educador, Evelyn Oliveira e Maria Paula, amigas que me ajudaram a dar os primeiros passos nesta jornada, gratidão!;

À minha família que sempre resistiu as adversidades e me direcionou sempre ao caminho da educação, em especial minha tia Janete Cavalcanti, meu “porto seguro”;

Ao meu orientador, Prof^o. Diogo Lins, que sempre acreditou nesta formação acadêmica e me deu sua mão generosa para atravessar mais essa etapa. Um docente que inspira, que acredita no poder transformador da educação, um parceiro de vida e na Dança;

À Vanessa Alcântara, amiga confidente, parceira de vida e na Dança;

À Pollyanna Monteiro, meu refúgio, e ao D’Improvizzo Gang - DIG meus maiores incentivadores a crescer e permanecer na Arte e na Dança;

À Black Escobar por abrir as portas do Grupo Arte em Movimento e me acolher, olha onde cheguei mestre!;

Aos meus amigos da segunda turma do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, pela trajetória tão especial e linda, a qual guardo com carinho.

“Não se pode falar de educação sem amor.”

(Paulo Freire)

RESUMO

O objetivo desta monografia é refletir sobre a importância do estágio extracurricular na formação docente dos estudantes do Curso de Dança, para tanto, apresento como recorte da pesquisa a minha experiência como estagiário de Dança no Instituto Federal de Pernambuco - Campus Recife, no ano de 2015. Logo após a transferência de Black Escobar, principal responsável pela inserção e desenvolvimento da Dança, no IFPE, para o Instituto Federal de São Paulo, ocorreu uma seleção para estagiário na qual fui selecionado, passando a ser o primeiro estágio-regente na área de Dança. A importância desse estágio para a minha formação docente o tornou objeto de pesquisa do presente trabalho. Metodologicamente a pesquisa foi desenvolvida como Estudo de Caso, a partir da minha observação participante, das memórias dos processos artístico-educativos, dos registros fotográficos e de uma entrevista com Black Escobar. O aporte teórico é composto de autores do campo da Dança-Educação (MARQUES, 2007; 2010; 2012), (MORANDI; STRAZZACAPPA, 2006); (VIEIRA, 2019); e da Educação (FREIRE, 1996). A pesquisa trouxe dados importantes para o campo da Dança: o alcance e as contribuições do ensino da Dança, no IFPE, na formação sociocultural dos sujeitos envolvidos, além disso, corroborou a importância do estágio na formação e construção da identidade docente do professor de Dança.

Palavras-chave: Estágio. Dança. Ensino Formação.

ABSTRACT

The objective of this undergraduate thesis is to reflect on the importance of the extracurricular internship in the teacher training of students of the Dance Major, therefore, I present as a research excerpt my experience as a Dance intern at the Federal Institute of Pernambuco - Campus Recife, in 2015. Shortly after the transfer of Black Escobar, the main responsible for the insertion and development of Dance at IFPE, to the Federal Institute of São Paulo, there was a selection for an intern in which I was selected, becoming the first conductor-training in the field of Dance. The importance of such internship for my teacher education made it the object of research of this work. Methodologically, the research was developed as a Case Study, based on my participant observation, memories of artistic-educational processes, photographic records and an interview with Black Escobar. The theoretical contribution is composed of authors from the field of Dance-Education (MARQUES, 2010; 2012), (MORANDI; STRAZZACAPA, 2006); (VIEIRA, 2019) and Education (FREIRE, 1996). The research brought important data to the field of Dance: the reach and contributions that the teaching of Dance, at IFPE, in the sociocultural formation of the subjects involved, furthermore, it corroborated the importance of the internship in the formation and construction of the teacher's identity of the teacher of Dance.

Keywords: Internship. Dance. Teaching Formation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA: DA INFORMALIDADE À OBRIGATORIEDADE... ..	12
O ENSINO DA DANÇA COMO COMPONENTE CURRICULAR OBRIGATÓRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA... ..	12
BASES LEGAIS QUE ORIENTAM O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	16
2. A INSERÇÃO DA DANÇA NO INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO - CAMPUS RECIFE.....	21
INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO - IFPE / CAMPUS RECIFE.....	21
AS CONTRIBUIÇÕES DE BLACK ESCOBAR PARA A INSERÇÃO DA DANÇA NO INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO.....	22
DESAFIOS ESTRUTURAIS... ..	23
O ALCANCE DA DANÇA NO INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO.....	25
GRUPO DE TEATRO E DANÇA ARTE EM MOVIMENTO: ENSINO, CRIAÇÃO ARTÍSTICA E FORMAÇÃO.....	26
MINHA EXPERIÊNCIA COMO DISCENTE NO GAM.....	28
CAMINHOS PERCORRIDOS NA MINHA FORMAÇÃO... ..	29
3 ENSINO DE DANÇA: PROCESSOS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICOS NO IFPE.....	31
MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO IFPE.....	31
CORPO AMBIÊNCIA.....	32
DIÁLOGO MOVENTE.....	34
CORPO COMPOSITOR.....	36
AS CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Nesta monografia reflito sobre o estágio extracurricular em Dança, no Instituto Federal de Pernambuco - Campus Recife, no ano de 2015, período em que atuei como estagiário-regente nesta instituição de ensino. O caráter pioneiro desta experiência no IFPE se transformou em objeto de estudo da presente pesquisa.

Há mais de vinte anos a Dança está presente como atividade pedagógica no IFPE, possibilitando aos estudantes, aos servidores e a comunidade externa diversas experiências educativas e formativas em Dança, seja ela inicial, ou de caráter mais profissional. Nesta pesquisa, apresento como se deu o processo de inserção da Dança no Instituto Federal de Pernambuco evidenciando a importância de Black Escobar neste processo.

Considerando que o tema “o ensino da Dança no IFPE” é relevante para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas na área, sobretudo, para o campo de estudos *Dança-Educação*. Desse modo, o recorte escolhido nesta pesquisa é o período em que atuei como estagiário-regente na instituição.

A Dança no IFPE não é um componente curricular obrigatório, no entanto, a sua relevância como área de conhecimento dentro da instituição é um fator que ressalto nesta pesquisa. A presença dela no processo de formação sociocultural dos estudantes, possibilitando o acesso à diversas experiências educativas, estéticas e artísticas corrobora a sua importância como área de conhecimento. Diante deste fato, trago o seguinte problema de pesquisa: O que é necessário para que a Dança seja compreendida como área de conhecimento dentro da escola? A importância desse projeto no meu processo de formação sociocultural é tão impactante que me levou a pensá-lo como um processo de produção de conhecimento em Dança.

A minha relação com a Dança no IFPE vem de muito antes da escrita desta monografia. Em 2009, comecei a fazer aulas com Black Escobar, desde então, aprendi novas técnicas de Dança, percebi meu amadurecimento nos processos de criação, bem como a facilidade que tenho em criar e dirigir espetáculos de Dança. Destaco ainda, como fruto dessa relação, o meu ingresso no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco. O incentivo e o encorajamento veio desse processo de formação.

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi o Estudo de Caso, caracterizado pela coleta de dados a partir da minha participação observante, de registros fotográficos, de memórias de

aulas e processos de montagens de espetáculos, além disso, houve uma entrevista com Black Escobar, responsável pela inserção e o desenvolvimento da Dança no IFPE.

Esta monografia, estruturalmente, está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo reflito sobre a importância do ensino da Dança como componente curricular obrigatório na educação básica. Sabemos que esta não é uma realidade no Brasil, sobretudo, no estado de Pernambuco, por isso, trato esta reflexão como forma de reivindicação por mais espaços para os profissionais formados em Dança.

No segundo capítulo, analiso o processo de inserção da Dança no Instituto Federal de Pernambuco IFPE / Campus Recife. Nele, a Dança é compreendida como atividade pedagógica vinculada ao Núcleo de Arte e Cultura (NAC), no entanto, apresento que mesmo não sendo componente curricular obrigatório, ela traz contribuições como área de conhecimento para o processo de formação sociocultural dos estudantes.

No terceiro capítulo, apresento de forma reflexiva o processo de construção da minha prática pedagógica como estagiário-regente nessa instituição. Para tanto, demonstro três práticas pedagógicas, *Corpo Ambiência*, *Diálogo Movente* e *Corpo Compositor*, que foram desenvolvidas por mim a partir dos estudos que desenvolvi na universidade, nas oficinas e grupos pelos quais trabalhei.

1 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA: DA INFORMALIDADE À OBRIGATORIEDADE.

Neste capítulo apresento uma reflexão sobre a importância da obrigatoriedade do ensino da Dança na educação básica, para tanto, utilizo as bases legais para justificar tal relevância. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB 9.394/96, construo um breve histórico do processo de inserção da Dança nas leis que regulamentam a educação nacional. Desde a sua promulgação, a LDB 9.394/96 vem sofrendo alterações que atestam e asseguram a obrigatoriedade do ensino da Dança como componente curricular obrigatório na educação formal. No entanto, sabemos que o descaso do poder público para com o cumprimento da lei é um dos fatores para que isso não ocorra.

O ENSINO DA DANÇA COMO COMPONENTE CURRICULAR OBRIGATÓRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

A Dança está presente na sociedade desde os primórdios. Nos rituais antigos, na formação de guerreiros, nos festejos, nas festas palacianas, nos teatros, nas casas e nas ruas. A Dança é uma linguagem artística que pode ser praticada por todos os corpos, de todos os gêneros, de qualquer faixa etária, ela faz parte da vida cultural e social do ser humano. Ela vem, ao longo dos anos, contribuindo para a formação sociocultural dos cidadãos e cidadãs.

No que tange os processos de formação em Dança destacamos que é na educação não-formal e na informal o seu predomínio. Ou seja, as academias de Dança, os projetos sociais, os grupos das comunidades, a própria rua e as calçadas são palcos de processos de aprendizagens. Obviamente, que esses processos são diferentes a partir dos seus contextos. Se tratando da escola, a Dança ainda é uma atividade extracurricular, em que poucas pessoas participam.

Infelizmente, o ensino da Dança ainda permanece na informalidade em muitas instituições de ensino. No contexto da educação formal a sua obrigatoriedade é negligenciada pelo poder público, que a coloca como atividade escolar, reduzindo a sua prática à apresentação do dia das mães, dia da árvore, dia do índio, nos ciclos das festas juninas e natalinas. Desse modo, ela não é compreendida como área de conhecimento, mas como

atividade recreativa, cujo objetivo é entreter os estudantes. A artista e pesquisadora Carla Morandi diz o seguinte:

Na história do ensino da arte do Brasil, podemos perceber a pouca participação da dança como conteúdo específico no âmbito da educação escolar. A dança nunca esteve incluída no currículo escolar como prática obrigatória. [...] Podemos perceber, analisando o processo histórico do ensino da arte, que o ensino da dança em muitos momentos não correspondia aos processos educacionais e políticos vigentes. [...] Quando os ideais positivistas e liberais da República se instauraram após as reformas educacionais, o desenho foi a principal linguagem artística presente nas escolas, pois, para os positivistas, ele auxiliava na educação da mente, contribuindo para o estudo da ciência, e, na visão liberal, ele contribuía na preparação do povo para o trabalho. A dança nesse contexto não apresentava um caráter utilitário que correspondesse a essas necessidades. (MORANDI, 2006, p. 78-79)

Os equívocos em torno do que seria o ensino da Dança na educação básica podem ser atribuídos às poucas pesquisas sobre o seu potencial como área de conhecimento. Embora haja pesquisas sendo desenvolvidas em programas de pós-graduação, e nas graduações em Dança ainda é insipiente as discussões sobre o ensino da Dança na escola como componente curricular obrigatório. Sendo assim, com esta pesquisa pretendo contribuir com essa discussão para que a Dança deixe de ser uma atividade desenvolvida para acalmar os estudantes com hiperatividade acima do normal, sendo “válvula de escape”, ou como entretenimento preenchendo algum tempo ocioso.

Mobilizado por essas reflexões, formulo as seguintes questões: será que a escola está preparada para o ensino da Dança? O que a presença da Dança na escola poderia gerar nos discentes? Percebemos que há décadas a Dança não esteve presente como área de conhecimento na educação formal, logo, existe uma defasagem no processo de formação dos discentes nas etapas da educação básica com essa linguagem.

É fácil constatar isso, você que está lendo este texto, já teve algum contato com a Dança na sua trajetória na escola? Você conhece algum município ou estado que tenha a Dança como componente curricular obrigatório em todas as etapas da educação básica? Sobre a ausência do ensino da Dança na escola, Carla Morandi diz o seguinte:

A dança, considerada a mais antiga das manifestações artísticas, esteve historicamente pouco presente nas escolas e principalmente no ensino de artes. [...] O grande problema enfrentado pela dança e pelas outras

linguagens consiste na predominância ainda do ensino das artes visuais. O paradigma do ensino de artes vinculado às artes visuais vem se mantendo há bastante tempo no ensino, e o próprio termo *arte* vincula-se frequentemente ao universo do desenho, da pintura, da escultura etc. (MORANDI, 2006 p. 77 e 78)

Esse dado revela-nos que a Dança não foi compreendida como área de conhecimento no ensino de Artes na escola. De acordo com a autora, a consolidação e o desenvolvimento do ensino das Artes Visuais só foi possível pelo fato de estar inserida nas atividades dos estudantes a mais tempo que as outras linguagens, o que possibilitou a sua permanência no ambiente escolar. Além disso, é importante pontuar que os primeiros cursos superiores para a formação de professores de Artes eram os de Educação Artística, com ênfase nas Artes Plásticas. Embora já tivesse curso superior em Dança, como é o caso do Curso de Dança da Universidade Federal da Bahia, criado em 1956, a linguagem da Dança não ganhou notoriedade na escola.

O impacto do ensino da Dança na educação básica provoca a reorganização dos modelos cristalizados de educação, ressignificando a importância do corpo no processo de ensino/aprendizagem. O corpo torna-se protagonista do processo de construção de saberes, é nele e por dele que a educação se dá. O ensino da Dança na escola é imprescindível para uma aprendizagem estética sobre si mesmo e sobre o mundo, além de potencializar uma educação sensível, que extrapola as dicotomias entre emoção/razão; conhecimento/experiência; corpo/mente etc. Desse modo, é pertinente a colocação de Isabel Marques:

No caso da dança, o fazer-sentir nunca está dissociado do corpo, que é a própria dança. Para que se possa compreender e desfrutar estética e artisticamente a dança, portanto, é necessário que nossos corpos estejam engajados de forma integrada com o seu fazer-pensar. Essa é uma das grandes contribuições da dança para a educação do ser humano - educar corpos que sejam capazes de criar pensando e re-significar o mundo em forma de arte. O fazer-sentir dança enquanto arte nos permite um tipo diferenciado de percepção, discriminação e crítica da dança, de suas relações conosco mesmos e com o mundo. (MARQUES, 2010, p.24)

Educar corpos que compreendam a sua capacidade criativa, que desenvolvam outras formas de ler o mundo, que ressignifique suas vidas pelas diversas experiências que a Dança pode proporcionar nos seus processos formativos, são considerações importantes que poderiam estar presente na vida de muitas pessoas se o ensino da Dança fosse obrigatório na educação básica.

Infelizmente, a Dança e a escola são vítimas do descaso do poder público, que pouco investe em uma educação honrosa. E se ainda estão resistindo, é porque seus agentes acreditam em seu poder transformador. Esboçamos aqui alguns pontos de vista que têm como ênfase aproximar esses dois mundos que, na prática, aparecem distantes, Dança e Escola.

O esforço é para que, no processo educacional, se tornem reais as possibilidades de compartilhamento de ideias entre ambas, atravessando fronteiras, fazendo com que as lacunas sejam preenchidas a partir do estreitamento dos saberes e das produções do conhecimento em Dança no contexto da educação formal. A Dança precisa estar na escola como conhecimento, e não como entretenimento.

No artigo – *Oito razões para ensinar dança na escola* – a autora Isabel Marques defende que “a escola é um lugar por excelência para que inter-relações críticas e transformadoras ocorram de forma compromissada entre a Dança, o ensino e a sociedade” (MARQUES, 2012, p.68). Contudo, a autora explica que não devemos nos apegar a visões distorcidas sobre a Dança, que surgem tentando distorcer a sua relevância na escola.

A autora citada acima descreve oito razões que defendem a entrada da Dança no contexto escolar, são eles: acesso, continuidade, ampliação, organização, inter-relação, crítica, compromisso e transformação. Todos os tópicos do artigo defendem incisivamente a inserção e a discussão da Dança na escola. Porém, destaco três tópicos que podem nos oferecer uma base para refletirmos sobre a importância do ensino da Dança na escola: acesso, crítica e transformação.

- **Acesso** – “[...] à escola dar acesso à Dança como Arte, forma de conhecimento, linguagem” (idem p.68). Este princípio compreende que todos terão experiências com as práticas da Dança, em todos os níveis do ensino fundamental e médio. A Dança passa a ser direito de todos estudantes independente de credo, raça, idade e corpo. Eles poderão estudar Dança como Arte, como conhecimento.

- **Crítica** – “[...] educar pede clareza de propostas, amplitude de visões, profundidade das relações” (idem p.71). Trata-se do desenvolvimento do senso crítico, oferecendo às novas gerações a possibilidade de refletir sobre o si e sobre o mundo, de múltiplas formas, para que sejam capazes de intervir de maneira respeitosa e inteligente na

sociedade em que estão inseridos. É o projeto de uma geração com atitude e autonomia.

• **Transformação** – “[...] o ensino de Dança é primordialmente função da escola, não para a Dança ser engolida por ela, mas para a Dança ter a oportunidade de transformá-la!” (idem p. 73). Essa transformação está vinculada às intervenções, posicionamentos e diálogos que a Dança fomenta com seus ensinamentos, explica a autora.

Os apontamentos que Isabel Marques traz são importantes para pensarmos em estratégias e ações políticas que pressionem os governantes a cumprirem o que diz a LDB 9.394/96 sobre a relevância do ensino da Dança na escola. Há um longo caminho a percorrer para que a Dança possa conquistar seu lugar nas salas de aula das escolas formais, sobretudo as públicas. É fato que a Dança não perde seu valor educacional e sua importância na formação dos sujeitos estando fora do contexto escolar, mas se ela estivesse dentro da escola, sendo ensinada como área de conhecimento, tendo o mesmo valor que as outras disciplinas, certamente, teríamos outras perspectivas para o processo formativo na escola.

Não estamos ingenuamente insinuando que a Dança seria a “salvação do mundo”, infelizmente, ela não tem todo esse poder. Contudo, queremos chamar a atenção para a calamidade em que se encontra a educação do nosso país, necessitando de mais investimentos e de mobilização por parte dos poderes públicos. A educação é um direito e precisa ser assegurado a todos. Para que isso ocorra é necessário que as leis educacionais sejam cumpridas em nosso país.

BASES LEGAIS QUE ORIENTAM O ENSINO DA DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Para entendermos melhor os trâmites legais sobre a obrigatoriedade do ensino da Dança na educação básica, e como se deu a sua implementação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB 9.394/96; apresento um breve panorama desse percurso caracterizado por lutas e mobilizações de instituições federativas como a FAEB (Federação de Arte/Educadores do Brasil); ANDA (Associação Nacional de Pesquisadores em Dança);

ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas) dentre outras.

A tentativa de inserir o ensino de Arte no contexto da educação formal surgiu a partir da Lei de Diretrizes e Bases n.4.024/61, mas de forma discreta. No que tange a lei, este ensino era voltado para formação primária como atividade curricular complementar, deixando a sua realização a cargo das instituições. Nesta lei consta que, o ensino de Arte, no ensino médio era compreendido como “atividade complementar de iniciação artística”, no entanto, a lei não especifica as linguagens artísticas desta atividade.

Dez anos após a LDB 4.042/61, observa-se mais uma iniciativa para as práticas artísticas ingressarem no contexto da educação básica. A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971, instituiu o ensino da “Educação Artística” como “atividade educativa” no ensino fundamental. Cabe destacar que o ensino da Educação Artística era o ensino das Artes Visuais, a Dança e o Teatro não eram incluídas no ensino dessa disciplina.

A LDB 5.692/71 promoveu ainda mais questionamentos aos professores acerca do ensino de cada linguagem artística, pois a formação para atuar como professor de Educação Artística se caracterizava como uma formação polivalente. Ou seja, em dois anos formava-se um profissional que deveria estar habilitado para ensinar todas as linguagens artísticas. Isso acarretou inúmeros problemas para o ensino da Arte, dentre eles, a formação inadequada. Os profissionais não eram formados para lidar com todos os métodos e práticas de ensino de cada linguagem artística. Segundo Marcílio de Souza Vieira:

Para formar os professores que atuavam nessa disciplina, foi criado, em 1973, pelo governo, o curso de graduação em Educação Artística, com formação polivalente nas diversas linguagens artísticas. O profissional era formado em dois anos, no curso de licenciatura curta em Educação Artística, e era habilitado a ensinar os alunos de 1ª a 8ª série ou até, no segundo grau, as Artes Plásticas, a Música, o Teatro e a Dança. (VIEIRA, 2019, p.58).

A formação em Educação Artística foi uma maneira de garantir o ensino de Arte nas escolas, entretanto, não podemos deixar de ressaltar que a formação em curta duração dos profissionais para lecionar esta disciplina é um problema para a qualidade do ensino de Arte na época. Em dois anos não era possível o aprofundamento em todas as linguagens artísticas,

mas a formação em Educação Artística pretendia formar um professor apto para tal, o chamado “professor polivalente”.

Com a formação dos professores polivalentes notou-se que a inserção da Arte na escola não ganhou uma repercussão satisfatória. surgiram relatos de professores insatisfeitos e frustrados com suas práticas pedagógicas por não conseguirem atender a demanda das quatro linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Diante disso, as Artes Plásticas, hoje, Artes Visuais, assumiu o predomínio da linguagem que seria ensinada naquela época. É certo que, “a Educação Artística, compreendida como atividade polivalente desarticulou o ensino da Dança em si, pois esta perdeu sua identidade dentro da realidade escolar” (VIEIRA, 2019, p.60).

Com a revogação da LDB. 5.692/71 foi promulgada atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, nela, o ensino com conteúdos artísticos se denominou como “Ensino de Arte” (Arte), mais uma vez sem especificar quais linguagens fariam parte do componente curricular Arte, prevalecendo, ainda, as artes plásticas como ensino de Arte na educação básica.

Cabe pontuar que por meio desta lei, o ensino de Arte passou a ser obrigatório em todas as etapas da educação básica. Logo após a sua promulgação outros documentos educacionais foram criados com a finalidade de justificar o que consta na lei. Sobre estes processos que aconteceram após a promulgação, Vieira pontua o seguinte:

Para garantir tal obrigatoriedade do ensino de Arte na educação básica foram criados documentos para a elaboração de currículos destinados ao ensino básico, a saber: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Além desses documentos, diretrizes, resoluções, minutas também foram constituídas para garantir o ensino de Artes em suas quatro linguagens no espaço escolar, porém tais documentos não garantiram que as linguagens da Dança, do Teatro, da Música e das Artes Visuais fossem ofertadas na escola de forma satisfatória. (VIEIRA, 2019 p.64)

A título de informação, a linguagem da Música, em virtude de sua aprovação como componente curricular obrigatório no ensino básico, com a determinação da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, ganhou em 2012 sua inclusão no espaço escolar. Contudo, vale ressaltar que a legislação dá margem a não estabelecer a obrigatoriedade da licenciatura em Música para quem irá ministrar as aulas, segundo veto do Art 2º do parágrafo único do art. 62 da lei citada acima.

Essa determinação abre margem para que qualquer pessoa sem formação específica na área atue como professor na educação básica, deixando a participação dos profissionais licenciados como uma das possíveis formas para que esse ensino aconteça, assim como também vagas para não licenciados. É algo que deve ser refletido porque afeta diretamente no processo de reconhecimento da formação específica para atuar na área.

No que tange às alterações que vêm ocorrendo na LDB 9.394/96 acerca do ensino de Arte na educação básica, resalto um marco importante: a menção da Dança como uma das linguagens que faz parte do componente curricular Arte. Embora a LDB 9.394/96 tenha instituído a obrigatoriedade do ensino Arte em todas as etapas da educação básica, havia algumas distorções sobre o que seria o ensino de Arte na escola. Desse modo, construiu-se um pensamento que, infelizmente, vigora até hoje, o de que ensinar Artes na escola, é ensinar Artes Visuais.

A fim de modificar esse tipo de pensamento, em 2016 é promulgada a Lei n. 13. 278 alterando o art. 26 da LDB 9.394/96. Esta alteração informa quais são as linguagens artísticas que compõem a disciplina Arte na educação básica. Sobre isso, Vieira destaca:

Nessa seara de êxitos, cita-se o detalhamento das áreas componentes da disciplina Arte nos currículos escolares, instituídos pela Lei n. 13.278, de 2016, que regulamentou o assunto e concedeu prazo de cinco anos para a adequada formação de professores em número suficiente para seu cumprimento. Após essa revisão, o texto do parágrafo citado ficou assim: “[...] § 6º: As artes visuais, a dança, a música e o teatro são linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (VIEIRA, 2019, p.65).

Por fim, podemos constatar que a luta para que o ensino da Dança seja uma realidade concreta na educação básica vem de longas décadas, no entanto, o descaso do poder público para com o ensino de Arte, como área de conhecimento, é um dos fatores que impedem de

avancarmos nesse sonho de ter a Dança sendo ensinada nas escolas públicas do Brasil como área de conhecimento.

O crescimento acentuado de profissionais com formação específica em Dança é uma forma que temos de construir argumentos para pressionar o poder público para a realização de concursos públicos para esses profissionais. Além disso, é necessário que as escolas se preparem estruturalmente para o ensino da Dança, não podemos ensinar em salas cheias de cadeiras, ou em cômodos precários para a sua realização. Acredito que estamos a poucos passos de ver a Dança nas escolas de forma a cumprir seu papel como componente curricular obrigatório e como área de conhecimento.

2 A INSERÇÃO DA DANÇA NO INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO - CAMPUS RECIFE

Neste capítulo apresento como se deu o processo de inserção da Dança no Instituto Federal de Pernambuco - Campus Recife. Para tanto, destaco a importância de Black Escobar para que este processo se efetivasse. A sua atuação dentro do IFPE contribuiu para que inúmeros estudantes pudessem ter uma formação inicial em Dança e em Teatro, bem como, possibilitou que pessoas que não eram vinculadas ao IFPE também pudessem participar desses processos.

O Grupo Arte em Movimento pode ser considerado um espaço que agrega diversas pessoas, sejam elas estudantes do IFPE ou pessoas que não pertencem à instituição. Embora seja um grupo de Teatro e Dança, nesta pesquisa, vamos nos ater a Dança como objeto de reflexão. Assim sendo, a minha experiência como integrante do grupo, bem como o meu retorno ao grupo como estagiário-regente é pontuado nas discussões que apresento.

INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO - IFPE / CAMPUS RECIFE

Segundo o site da instituição, ao longo dos seus 112 anos, o IFPE - Campus Recife, apresenta em sua história de ensino, a formação de muitos cidadãos e profissionais do estado de Pernambuco. A instituição prestou seus serviços em diferentes prédios em torno da cidade do Recife, como também, recebeu vários nomes ao longo deste período.

Sua origem vem desde a fundação da Escola de Aprendizes Artífices, no ano de 1909, localizado no antigo Mercado Delmiro Gouveia. Por sua vez, a partir de 1923, as suas instalações passaram a vigorar no Ginásio Pernambucano. Contudo, ganhou sede própria no prédio da Fundação Joaquim Nabuco no Derby, em 1933.

Assim, no ano de 1999, com sua localização consolidada na Av. Professor Luiz Freire nº 500 na Cidade Universitária - Recife – PE; ocorreram alterações no nome e no perfil da instituição - (Neste ano, troca o nome anterior para Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco CEFET – PE).

Apenas a partir do final de 2008, com a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, pela Lei 11.892, deixa de se chamar CEFET e passa a se apresentar

como Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). Atualmente, o IFPE disponibiliza 18 cursos, distribuídos nas seguintes modalidades: Integrado (Ensino Médio Integrado ao Técnico); Técnico Subsequente; Técnico Proeja, Superior Tecnológico (Tecnólogo); Bacharelados, Licenciaturas e Pós-graduação (Mestrado).

A comunidade acadêmica do Instituto Federal de Pernambuco tem a sua disposição, editais voltados à assistência estudantil e ao desenvolvimento de atividades de pesquisa, extensão, monitoria e cultura. No que tange a cultura, os estudantes podem se integrar ao Núcleo de Arte e Cultura (NAC), do qual integram o Grupo Arte em Movimento (GAM) e o Coral Popular do IFPE.

AS CONTRIBUIÇÕES DE BLACK ESCOBAR PARA A INSERÇÃO DA DANÇA NO INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO.

Para tratar do processo de inserção da Dança no Instituto Federal de Pernambuco realizei entrevista com o principal responsável por este processo, Black Escobar. A entrevista ocorreu via Meet, no dia 19 de julho de 2021, através desta conversa compreendi as minúcias de como se deu este processo tão importante para a Dança em Recife. Black compartilhou pontos relevantes que me ajudaram a elaborar este capítulo como uma forma de registro desse processo.

Antônio José de Oliveira, mais conhecido pelo nome artístico Black Escobar, é uma figura pública e reconhecida no meio artístico da cidade de Recife, e em grande parte do país. Black Escobar tem duas formações acadêmicas, uma em Jornalismo, Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), a outra em Relações Públicas pela Escola Superior de Relações Públicas (ESURP), e especialização em Coreografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Iniciou seus estudos em Dança pelo Jazz, em seguida, passou a estudar Balé clássico. No período da especialização teve a oportunidade de fazer aulas de Danças Afro e se aprofundou nos estudos da Dança Contemporânea. O seu processo de formação artística o levou a criar a DANTE - Cia de Dança, a qual atua como diretor e coreógrafo até os dias atuais. Atualmente, presta cooperação técnica/voluntário nas aulas de Dança do Instituto

Federal de São Paulo – IFSP / Campus São Paulo e continua com vínculo afetivo com o Grupo Arte em Movimento (GAM).

Em meados do ano de 1978, Black Escobar foi aprovado em concurso público para o Ministério da Educação e Cultura - MEC, para área de comunicação no cargo de Assessor de Comunicação Social, exercendo a função de Técnico em Assuntos Educacionais. Com o decorrer do tempo, o departamento em que ele prestava serviços ao Mec foi finalizado, logo após este fato, o mesmo ingressou nas dependências do Instituto Federal de Pernambuco - Campus Recife para ser jornalista, no ano de 1998.

É importante destacar que Black Escobar neste momento já era um artista que vinha desenvolvendo inúmeros trabalhos artísticos na cidade de Recife, e é por conhecer seu trabalho artístico, que recebeu um convite do então diretor do IFPE, para desenvolver atividades artístico-pedagógicas com a Dança: aulas, criação de espetáculos, formação inicial etc.

A empolgação e a responsabilidade com que Black Escobar desenvolveu o seu ofício contribuíram para que a Dança ganhasse notoriedade dentro e fora do Instituto Federal de Pernambuco. Ele sempre teve o interesse de promover manifestações e intervenções artísticas onde estivesse trabalhando, ou seja, a sua entrada no IFPE e este convite era uma forma de realizar este sonho. E assim aconteceu.

Para que a Dança fosse inserida na instituição foi necessário que Black Escobar fosse realocado no quadro funcional, passando de datilógrafo, que pertencia a área de comunicação, para a função de professor de Dança. Desde então, desenvolveu trabalhos e promoveu aulas de Artes no Instituto Federal de Pernambuco.

DESAFIOS ESTRUTURAIS

Atualmente, a Dança e o Teatro são duas linguagens artísticas consolidadas no IFPE. No entanto, Black Escobar informou que, a princípio, nada foi tão fácil, pois a instituição não tinha espaço apropriado para tais atividades, sendo assim, para que este projeto não recuasse diante dos desafios estruturais impostos, utilizou-se uma sala que estava desativada para os cursos técnicos da instituição.

Além disso, foi preciso se acomodar em espaços possíveis para o armazenamento de figurinos, adereços e cenografia em uma espécie de mini almoxarifado. Black Escobar também conta que houve uma época em que precisou levar o aparelho de som da sua casa para que as aulas pudessem acontecer com músicas. Tudo de início era muito precário, mas ele entendia que as condições não poderiam ser um obstáculo, ou impedimento para quem sempre almejou realizar este trabalho, ele se dedicou para que seu sonho tomasse forma.

Black Escobar acreditava que seus esforços, naquele momento, seriam decisivos para fixar e assentar tais ideias relacionadas ao ensino da Dança e do Teatro na instituição. Para tanto, dedicou tempo, talento e responsabilidade para com a Dança e seu ensino. Ao longo dos anos, os retornos vem acontecendo cada vez mais, alguns desses estudantes dançam profissionalmente, outros ingressaram na graduação em Dança, como eu, e outros não estão na Dança, mas puderam ter uma experiência que mudou a sua maneira de ver o mundo.

Apesar dos desafios, o trabalho foi se consolidando e ganhando respeito dentro da instituição, na gestão do diretor Sérgio Gaudêncio, no IFPE, Black Escobar conquista uma nova sala com toda estrutura para realizar as aulas de Dança, com piso de tablado adequado, linóleo, barras nas paredes, espelhos, prateleiras para o aparelho de som e armários para guardar os figurinos e acessórios.

É preciso pontuar que a presença de Black Escobar no Instituto Federal de Pernambuco é uma presença política, que mobilizou ações concretas para que a Dança ganhasse reconhecimento e fosse valorizada. Além disso, a forma como ele conduziu as suas práticas pedagógicas são relevantes neste processo, o seu posicionamento junto a direção do instituto, mostrando as produções artísticas dos estudantes em diversos festivais e eventos dentro e fora da instituição também ajudaram no processo de valorização da Dança. Todas as vezes que os estudantes iam dançar em festivais, o público, além de conhecer a produção artística, também passava a conhecer a instituição.

O professor Black Escobar acreditava que para formalizar e implementar a Arte no Instituto Federal de Pernambuco era necessário criar um órgão que desse condições para o desenvolvimento de práticas artístico-educativas no instituto. Cria-se o Núcleo de Arte e Cultura (NAC), a criação deste núcleo é importante para a criação de ações efetivas para a Arte dentro do IFPE.

O NAC, depois de alguns anos, ganhou sede física, com isso, a Dança e o Teatro passaram a ter as condições estruturais para o seu ensino e as suas criações. A sala do NAC passou a ser o local de atendimento dos estudantes e do público em geral, bem como uma sede onde todos os envolvidos com as questões da Cultura e da Arte trabalham. Atualmente, o Núcleo de Arte e Cultura é um espaço dentro do Instituto Federal de Pernambuco no qual estão guardados os arquivos dos estudantes, facilita o processo de aquisição de bolsa estudantil de fomento à cultura, fardamento exclusivo do grupo e participação efetiva no elenco do Grupo Arte em Movimento.

O ALCANCE DA DANÇA NO INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO

O trabalho desenvolvido por Black Escobar resultou em algumas conquistas para a Arte dentro do Instituto Federal de Pernambuco, como já citei ao longo do texto: a inserção da Dança e do Teatro como atividades pedagógicas na instituição; a criação de um setor responsável pelas questões relacionadas às linguagens artísticas, o Núcleo de Arte e Cultura (NAC), e a criação do Grupo Arte em Movimento (GAM).

Estas conquistas foram fundamentais para que a Dança se consolidasse como área de conhecimento dentro de um ambiente totalmente tecnicista. Desse modo, acrescento ainda três contribuições desse processo para a cidade de Recife.

A primeira, é o acesso à Dança como processo formativo. Embora o ensino de Dança no IFPE não seja um componente curricular obrigatório na instituição, há a possibilidade de estudantes de cursos diversos, de faixa etária distintas, poderem estudar Dança no seu itinerário formativo. É importante dizer que os estudantes do IFPE que estão no GAM podem pleitear bolsa estudantil de incentivo à cultura, fator importante para quem está em processo formativo.

A segunda, a oferta de vagas para pessoas que não fazem parte do IFPE. Pessoas de comunidades vizinhas que tenham interesse em estudar Dança e/ou Teatro são recebidas afetivamente pelo projeto. Desse modo, o IFPE cumpre com um dos objetivos das instituições federais de ensino, a extensão. A oferta dessas vagas possibilita a aproximação do instituto com a comunidade.

A terceira, foi a criação do campo de estágio para os cursos de Dança e Teatro. Em 2015, foi aprovada a criação deste campo, tanto para estágios curriculares como para estágio extracurricular, com bolsa de estágio. Desde a primeira contratação em 2015, na qual fui o primeiro, o Instituto Federal de Pernambuco tem sido um espaço importante para a formação docente dos estudantes do Curso de Dança da Universidade Federal de Pernambuco.

GRUPO ARTE EM MOVIMENTO: ENSINO, CRIAÇÃO ARTÍSTICA E FORMAÇÃO

O Grupo Arte em Movimento foi criado em 2000 e desde a sua criação vem trabalhando com a produção e apresentação de espetáculos de Dança e Teatro. É um grupo que contribui no processo formativo dos estudantes, possibilitando experiências de criação em Dança, vivências pautadas na consciência corporal e na coletividade.

O GAM é um grupo no qual todas as pessoas vinculadas ao IFPE podem estar, sejam estudantes ou servidores, além dos integrantes externos, que não possuem vínculo com a instituição. A faixa etária dos integrantes do GAM são, majoritariamente, adolescentes e jovens, de gêneros variados. A heterogeneidade do público é um fator que colabora com o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagens, é um espaço onde todos os corpos podem dançar.

O ensino da Dança no GAM era pautado na experimentação de todas as formas de expressão do movimento, sejam elas técnicas de danças específicas, ou laboratórios de improvisação, composição e experimentação cênica. As aulas tem o objetivo de desenvolver habilidades técnicas e qualificar os integrantes do elenco para os processos de criação artística.

As aulas de Teatro e Dança eram ministradas por Black Escobar até o ano de 2014, organizadas da seguinte maneira: de segunda-feira à quinta-feira eram as aulas, na sexta-feira os ensaios. As aulas de Teatro são segundas e quartas, das 10h às 12h, ou das 14h às 16h. Já as aulas de Dança são terças e quintas, das 10h às 12h, ou das 14h às 16h. Para o elenco do GAM os ensaios são nas sextas, no horário intermediário, das 10h às 16h.

Com esta carga horária expressiva podemos considerar que este projeto não se trata de uma oficina de Dança, pontualmente, durante a semana. Pelo contrário, o processo formativo que acontece no Instituto Federal de Pernambuco é consistente e permanente, com ensino de

qualidade, com estrutura adequada, com oportunidades de apresentações artísticas fora do estado de Pernambuco, com bolsa de incentivo, etc.

Artisticamente o GAM tem um currículo expressivo, com espetáculos que foram indicados em diversas categorias de premiação em festivais da cidade de Recife, muitos deles receberam prêmios nas categorias de melhor coreografia, melhor coreógrafo, melhor bailarino(a), melhor ator/atriz e prêmios de melhor direção. O GAM construiu seu legado ao longo destes 21 anos de existência sob direção de Black Escobar.

Baseado em estilos de danças diversas como o Balé Clássico, Dança Moderna, Danças Populares do Nordeste, Danças Afro e Dança Contemporânea, o grupo criou os seguintes trabalhos:

“Na era de Aquário” (2000) seu primeiro trabalho quanto grupo; e assim entre outros, *“O lixo que não é lixo”* (2004); *“Zumbi – o Rei da Liberdade”* (2005); *“Viva Pernambuco”* (2006); *“Estação Recife”* (2007); *“Vitalinos”* (2008); *“Sonhos, Peripécias e Gargalhadas”* (2009); *“Encontro”* (2010); *“A nova que a Bossa tem”* (2011); *“Tudo a declarar”* (2012); *“Vitalinos e Luiz Gonzaga: 200 anos de cultura”* (2012); *“Arte e Cultura por um Desenvolvimento Sustentável”* (2012); *“Construção”* (2012); *“A quatro Faces”* (2012); *“Afim de conta, quem somos?”* (2012); *“Da terra ao Caos”* (2013); *“Muito pelo contrário”* (2013); *“Chorus Line”* (2014); *“Epifania”* (2015); *“Ensaio sobre o Amor”* (2016); *“Sagração da Primavera”* (2017); *“Homens e Caranguejos”* (2017); *“Danças Tribais”* (2018); *“Motrizes das Yabas”* (2019/2020).

Espectáculos que foram apresentados tanto nas dependências do IFPE, como em outros institutos/Campus em todo Estado de Pernambuco e do país, em vários eventos estudantis, congressos e festivais ao redor do território brasileiro. O GAM foi se consolidando ao longo da sua história através de processos significativos que geraram transformações dentro do grupo.

Mesmo em tempos sombrios de pandemia Covid-19, o GAM realizou suas atividades de forma remota e participou de festivais online com a regência da estagiária de Dança Jacicleide Silva, cujo contrato foi finalizado no final de 2020. A partir deste ano, Maria Júlia Gusmão assumiu a vaga de estagiária-regente, ambas graduandas do curso de Dança da UFPE.

MINHA EXPERIÊNCIA COMO DISCENTE NO GAM

Meus primeiros contatos com a Dança ocorreram em 2003, em uma comunidade religiosa da qual fiz parte. A igreja foi o meu primeiro espaço de formação em Dança, nela, integrei um grupo de Dança que me oportunizou vivenciar aulas de balé e apresentações artísticas em igrejas e festivais de Dança evangélicos. A princípio, comecei como bailarino do grupo, mas com o passar do tempo, com a realização de oficinas em danças, também passei a coreografar.

A curiosidade de aprender mais sobre Dança foi crescendo cada vez mais, o meu interesse de aprender outras técnicas, bem como estudar seus aspectos históricos despertaram em mim o desejo de saber mais, de conhecer e me aprofundar na área da Dança. Então, em 2009 me aproximei do Curso de Extensão de Dança no IFPE, e conseqüentemente, do GAM.

Como não tinha vínculo com o IFPE, comecei a fazer aulas de Dança como integrante externo, por meio da extensão. Para mim é importante ressaltar que cheguei no projeto através de um convite feito por uma amiga, Evelyn Oliveira, uma parceira da Dança, que na época era estudante do Curso de Meio Ambiente da instituição.

Assim, começo a fazer as aulas de Dança com Black Escobar e, como de costume, quem participava das aulas poderia participar dos processos de criação. No mesmo ano que entrei no GAM fiz minha estréia no espetáculo: “*Sonhos, Peripécias e Gargalhadas*” (2009), um espetáculo que tinha como temática o universo da infância, retratando os primeiros sonhos e vivências da criança, e as transformações dessa fase. Esta experiência criou oportunidades para que eu participasse de outros processos e me apresentasse em festivais e eventos com o grupo.

O GAM é um espaço importante para a minha formação artística. Nele, amadureço tecnicamente, aprendo novas técnicas de Dança, compreendo os processos de criação, tenho experiências em festivais importantes da cidade de Recife e em outras cidades. Além dessas contribuições, é no GAM que sou estimulado a prestar vestibular para Dança na Universidade Federal de Pernambuco, também um incentivo por parte das minhas amigas próximas, Evelyn e Paula. E para minha surpresa fui aprovado.

Assim, em 2010, comecei as aulas do Curso de Dança na UFPE, momento que foi um divisor de águas para minha formação acadêmica e profissional. Por sua vez, continuo dançando no GAM até 2011, mas por conta das demandas do emprego e do Curso de Dança me disperso do grupo exatamente no início de 2012. As experiências no GAM contribuíram para a minha formação profissional e para a construção da minha identidade docente.

CAMINHOS PERCORRIDOS NA MINHA FORMAÇÃO

Em 2013, ano do meu primeiro Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Licenciatura em Dança, comecei a dar meus primeiros passos como professor de Dança, na Escola Municipal de Arte João Pernambuco (EMAJPE). É importante pontuar que ingressei nesta instituição no estágio curricular, mas, no ano seguinte, me tornei estagiário-regente, com bolsa de estágio. Nesta instituição desenvolvi e aprimorei a minha prática pedagógica, aprendi sobre os processos educativos em Dança e testemunhei o poder transformador da Dança na vida das pessoas.

Em 2014, além da Escola Municipal de Arte João Pernambuco, comecei a lecionar no Integrarte - Centro Pró-Integração, Cidadania e Arte, cujo público são pessoas com deficiência. No momento, felizmente, continuo como professor desta instituição. O Integrarte transformou completamente minha postura como professor, a minha identidade docente vai ganhando outros sentidos a partir das experiências que venho tendo nesta instituição.

Em 2015, recebi um convite de Black Escobar para participar da seleção de estágio para uma vaga de Dança no Instituto Federal de Pernambuco, pois o mesmo seria transferido para o Instituto Federal de São Paulo. Com o trabalho já consolidado no IFPE, Black Escobar não poderia deixar as atividades do NAC sem representante. Voltar para o IFPE como estagiário-regente foi uma experiência indescritível para mim.

A importância desse estágio para a minha formação docente é algo que precisa ser registrado, porque me mobilizou e transformou alguns entendimentos que tinha sobre o ensino de Dança. Foi uma oportunidade de investigar outras práticas de ensino que dialogassem com o público das aulas, também pude compreender os processos de criação e montagem de espetáculos como processos artístico-educativos, não havia dissociação entre

aprendizagem e criação. Enquanto criavam, aprendiam. Enquanto aprendiam, criavam. E assim fui construindo as minhas práticas pedagógicas.

3 ENSINO DE DANÇA: PROCESSOS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICOS NO IFPE

Neste capítulo reflito sobre a minha prática pedagógica no Instituto Federal de Pernambuco / Campus Recife, em 2015, período em que atuei como estagiário-regente na área de Dança. Com foco na improvisação em Dança apresento três atividades pedagógicas que demonstram as minhas escolhas, as influências da minha docência e os desafios encontrados durante o processo de ensino. Nomeie as atividades da seguinte maneira: *Corpo Ambiência, Diálogo Movente e Corpo Compositor*.

A minha identidade docente é tecida por experiências diversas com a Dança, seja no ambiente acadêmico, em oficinas, nos grupos que já participei e dos que participo até hoje, como é o caso da Cia de Teatro e Dança Pós-contemporânea D'Improvizzo Gang - DIG. Percebo que a minha prática docente é construída a partir do que aprendi nesses espaços de formação artística, isso porque o meu processo de formação acontece dentro e fora da universidade.

MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO IFPE

A partir do meu ingresso no Curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Pernambuco, a minha prática artística, bem como, a minha prática docente se dá numa relação entre teoria e prática. Os relatos que apresento da minha prática pedagógica estão fundamentados em leituras que fiz durante a minha formação no Curso de Dança, assim como, as contribuições das disciplinas de Estágios, Metodologias e das disciplinas práticas como as Oficinas de Dança, os Estudos do Movimento e Criação I e II.

A minha prática pedagógica também recebe influência dos grupos nos quais fiz aula e atuei como bailarino/intérprete e coreógrafo. A observação das práticas desenvolvidas nesses contextos são acionadas no processo de elaboração das aulas, as atividades pedagógicas surgem desse encontro entre teoria e prática, em espaços diversos pelos quais passei.

No livro *Dançando na escola*, Isabel Marques traz contribuições sobre a importância do ensino da Dança no contexto escolar, a sua discussão fica centralizada na Dança como componente curricular obrigatório, tema que já tratamos no primeiro capítulo desta monografia. No entanto, gostaria de pontuar algo importante que a autora traz para pensarmos o ensino da Dança, são os *textos* e *contextos*. Isabel Marques nos esclarece o seguinte:

Ao tratarmos dos contextos da dança, estamos incluindo os elementos históricos, culturais e sociais da dança como história, estética, apreciação e crítica, sociologia, antropologia, música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia. Ou seja, estão aqui incluídos os saberes *sobre* a dança. [...] O outro grupo de conteúdos, ou textos, possibilitam um conhecimento direto da dança. [...] Em se tratando de um contexto educacional, poderíamos expandir esta noção de texto para todas aquelas proposições que trabalham com o aluno o mundo da dança, ou seus processos: a improvisação, a composição coreográfica, o próprio repertório. (MARQUES, 2010, p.30)

Baseado nos estudos da autora, a minha prática pedagógica no IFPE tinha a improvisação como principal eixo do *texto* da Dança, ou seja, a improvisação era o conteúdo basilar das nossas aulas e dos processos criativos que desenvolvi junto aos estudantes. Através dela trabalhamos a criatividade, a autonomia no processo, o protagonismo dos estudantes na construção de conhecimento, a criticidade, a observação do outro e de si nas aulas e nos processos de criação dos espetáculos.

Embora reconheça a importância de técnicas específicas no processo de ensino-aprendizagem da Dança, considero que há na improvisação elementos próprios do seu fazer que a torna tão importante quanto qualquer outra técnica em Dança. Desse modo, consideramos a improvisação como técnica, aqui entendida como um conjunto de habilidades desenvolvidas pelo estudante.

Com isso, pontuo que a improvisação em Dança não é um fazer qualquer coisa livremente pela sala de aula. Há inúmeras maneiras de elaborar uma aula de improvisação, por meio de jogos improvisacionais, relações corpo-espço e composição cênica, por exemplo. Para ressaltar o que estou refletindo, apresento três práticas pedagógicas que desenvolvi ao longo do estágio no IFPE pautadas na prática da improvisação em Dança: *Corpo Ambiência*, *Diálogo Movente* e *Corpo Compositor*.

CORPO AMBIÊNCIA

A dinâmica *Corpo Ambiência*, parte da junção de dois exercícios: o primeiro consiste na investigação das qualidades do movimento, tomando como referência os quatro elementos da natureza - Água, Terra, Fogo e Ar. A segunda parte da dinâmica consiste no mapeamento do espaço físico utilizando partes do corpo.

Para o primeiro passo do experimento, foram feitas discussões em sala de aula acerca da temática dos elementos da natureza, usando do imaginário dos estudantes, da forma como eles interpretavam a qualidade do movimento para cada elemento. A ideia era se aproximar o máximo das características dos elementos, processo que foi trabalhado em aula. Desse modo, surgiram as proposições corporais de cada estudante, cada um criava a partir da sua compreensão do elemento, levando em consideração aquilo que era possível em seus corpos.

Como professor, deixei que as classificações de movimento viessem do imaginário, das discussões, e das observações uns dos outros. Assim, as sugestões dos movimentos foram compartilhados e não pré-estabelecidos, foi uma maneira de incluir ainda mais a participação e o protagonismo dos estudantes na dinâmica.

Uma vez iniciado o processo da primeira etapa da dinâmica, pude perceber que os estudantes foram se apropriando do processo investigativo, era nítido a entrega e a curiosidade de cada um. O exercício da observação de si e dos outros em sala de aula ampliou as possibilidades de investigação.

Após a conclusão da primeira parte da dinâmica que durou uma aula inteira, o próximo exercício era explorar o espaço, fazendo um mapeamento com o corpo. O mapeamento do espaço a partir das qualidades do movimento oportunizou que os estudantes saíssem da zona de conforto. O espaço poderia ser a própria sala de aula, ou outros espaços do instituto, como pátio, corredores, outras salas etc. A ideia era explorar as dependências próximas à sala de aula. Há algo que precisa ser pontuado nesta segunda etapa da dinâmica *Corpo Ambiência*, a presença dos espectadores, funcionários e estudantes de outros cursos que paravam para observar o que estava acontecendo. Se por um lado, isso poderia deixar os estudantes tímidos no processo de mapeamento, por outro lado, capturou a atenção das pessoas para o processo artístico.

Abaixo descrevo como ocorreu esta prática artístico-pedagógica:

Corpo Água – apresenta uma movimentação sinuosa, com curvas, um corpo “fluido/mole” e de movimento contínuo, sem pausas ou sem muitas alterações abruptas do movimento. Caracterizado com um movimento ondulado, com constante deslocamento e deixa-se ser permeável.

Corpo Terra – apresenta uma movimentação rígida, pouco fluida e encontra resistência no mover, utiliza-se de pausas e se move sempre em desaceleração/lento. Por ser mais contida, exige uma tensão muscular, quase que todo tempo em contração. Um corpo “duro/pesado” e muitas vezes estagnado.

Corpo Fogo – apresenta uma movimentação "espasmódica" (de espasmos), muito fluida e aleatória em sentidos, com emprego de uma aceleração contínua e abruptas mudanças de direção do corpo. Muitas vezes com agitações ininterruptas, corpo com estímulos involuntários, não havendo pausas e com muitas mudanças de níveis de alto para baixo e vice-versa.

Corpo Ar - apresenta uma movimentação leve e intensa, utiliza-se de uma aceleração e desaceleração variada, com abruptas mudanças na movimentação e ao mesmo tempo lentidão, maior aproveitamento do espaço físico, pois seu deslocamento é intenso, sem muito local fixo de inércia, corpo em constante “fluidez e solto”.

Mapeamento do Espaço - a atividade consiste na relação e medição do espaço físico tomando como objeto de metragem o tamanho das dimensões do corpo, utiliza-se os comprimentos do próprio corpo para mapear, medir e se relacionar com o espaço físico, construindo através do corpo formas de se acomodar, fazer fusão com o ambiente e interagir com este espaço.

Após experienciar os dois exercícios da dinâmica propus que cada educando escolhesse dois ou mais elementos da natureza para ter como base de movimentação, e escolhesse um espaço/ambiente para apresentar uma cena. Esta cena não precisaria ter uma lógica de enredo ou um tempo determinado para realizar. O objetivo era verificar a familiaridade com as qualidades de movimento estudadas em aula e o mais importante era assisti-los com as características do elemento da natureza em junção e interação com o ambiente que escolheram.

DIÁLOGO MOVENTE

A dinâmica *Diálogo Movente* surge da combinação de alguns exercícios distintos, sendo estruturada em duas etapas, a primeira consiste na criação de frases coreográficas, a segunda é um jogo de perguntas e respostas, muito utilizada nas aulas de Contato

Improvisação. Podemos observar que embora seja uma combinação de exercícios, o *Diálogo Movente* é construído de forma consistente, ou seja, há um processo próprio da minha prática docente que é verificar se os exercícios são coerentes com a proposta da aula. Digo isto, porque há pessoas que veem uma aula sobre improvisação como algo que é inventado na hora, não é assim, existe um planejamento e uma elaboração dos conteúdos. Para desenvolver as frases coreográficas os estudantes passaram por um processo de conscientização do movimento:

Rolamento em solo – o corpo está todo conectado ao solo, deitado em posição anatômica, a partir daí o sujeito começa a se mover por meio da rotação do corpo pelo chão, a partir do comando dos seus membros superiores e/ou inferiores, podendo também ser a partir das tensões e relaxamentos musculares e das partes ósseas do corpo, sendo pelo quadris ou tórax.

Apoios – refere-se ao trabalho de toque aplicando intensidades de força diferentes para cada apoio, a experiência pode ser com o corpo do outro, a relação com o chão e objetos do espaço físico, diversificando a quantidade e a qualidade do toque .

Níveis – utiliza-se dos três níveis alto, médio e baixo para dinamizar o movimento, a ideia é explorar o mesmo movimento em cada nível, perceber o que modifica quando muda-se de nível. Além disso, investigar em quais níveis seus corpos se adaptam mais.

Orientação de sentido – possíveis formas de deslocamentos de um ponto para outro na sala, com movimentos e deslocamentos de direção frente, lado, trás ou diagonais para percorrer o espaço.

Isolamento de parte/gestualidade – experimentos de movimentos pelos membros superiores e inferiores, a partir do isolamento de partes do corpo. A ideia é trabalhar com gestos e movimentos cotidianos para se expressar.

Este processo de conscientização corporal os preparou para a criação das frases coreográficas, sequências de movimentos utilizando os mecanismos estudados no processo de conscientização. A demonstração das frases coreográficas ocorreram em sala de aula, junto ao exercício de observação dos trabalhos.

A segunda etapa da prática pedagógica se deu pelo jogo de perguntas e respostas com o corpo, assim como é encontrado em aulas da técnica do Contato Improvisação. A ideia é,

por meio de diversas formas de organização corporal, fazer perguntas dançadas. Essas perguntas podem ser proposições em tempo real enquanto os corpos estão em contato um com outro ou não. Para tanto, experimentamos este exercício a partir do Contato Improvisação, como já havíamos trabalhado com o toque e com apoios, ficou mais fácil o engajamento deles no processo.

Durante o exercício fui pontuando a importância de imprimir diversas qualidades na aproximação e no toque para que o diálogo tivesse temas diferentes, assim eles compreendiam como ocorria as perguntas e as respostas, cedendo o peso, encontrando apoios no corpo do outro, sendo base para o outro, além de perceber a respiração e o campo da visão da pessoa com quem estabelecia o diálogo. Era um processo de escuta do outro e escuta de si.

Assim, com as frases coreográficas já estruturadas e a ideia de pergunta e resposta alinhada, o *Diálogo Movente* ia ganhando forma e sentido para os estudantes. O momento da demonstração dos trabalhos realizados em sala ocorria em duplas, eles tinham que desenvolver um diálogo movente que pudesse ser reconhecido pelos espectadores, com começo, meio e fim. Utilizando as frases coreográficas cada dupla teria um tempo de 3 (três) minutos para mostrar esse diálogo, que poderia ser com música ou não.

CORPO COMPOSITOR

Por sua vez, o *Corpo Compositor* é uma dinâmica que foi desenvolvida em quatro estágios, dividida em quatro aulas. Devido ao tempo de observação e maturação das ideias para o processo de criação cênica, fez-se necessário que a sua realização ocorresse em vários dias. Nesta dinâmica os estudantes são estimulados a criatividade e a autonomia dos seus processos artísticos.

Os processos de improvisação em Dança estão inseridos no primeiro e no segundo estágio, neles, os estudantes investigam e desenvolvem ideias iniciais sobre composição cênica. As ideias podem se dar por meio de uma improvisação semiestruturada, ou uma organização cênica mais fechada, como se fosse uma coreografia. A dinâmica *Corpo Compositor* foi construída da seguinte forma: Estágio 1 - Livre; Estágio 2 - Análise; Estágio 3 - Edição; Estágio 4 - Produto Final.

Estágio 1 - Livre: Neste estágio inicial da dinâmica, cada estudante foi instruído a trazer uma música instrumental ou com letra de sua preferência em um *pen-drive*. Em sala de aula, cada um falou sobre a música, compositor, cantor, banda e o ano da mesma, e porque escolheu tal música. Após esta apresentação, a proposição era que cada um iniciasse a investigação de movimentos a partir da música escolhida, imprimindo sua forma e escolhas de movimentos.

Cabe destacar que neste estágio optei por não fazer uma atividade de preparação corporal. O interesse era que eles desenvolvessem, no estágio livre, um modo particular e autônomo de se perceberem durante o seu mover, obviamente, que eu estava atento a eles, caso precisasse intervir para sanar em alguma dúvida. Esse estágio inicial da dinâmica possibilitou a eles o agenciamento dos movimentos que eles investigavam no momento com os que eles já conheciam, praticavam em aula. É um estágio de apreciação e não existem direcionamentos de terceiros ou intervenções externas.

Estágio 2 - Análise: Como o nome do estágio já sugere, este período se configura em examinar a música escolhida, ou seja, a investigação estaria na construção métrica da música, sendo ela instrumental ou não. O estudante passaria a identificar a melodia/compasso ou as ideias contidas na letra da música. A partir de então a proposição era que eles dançassem a música usando movimentos interpretativos e/ou pontuando os movimentos fortes e fracos da melodia. Neste estágio a improvisação tem uma estrutura a ser seguida, existe uma análise da música, identificação dos compassos e a música como guia no processo improvisacional.

Estágio 3 - Edição: Este estágio é um período de formatação e edição do que foi produzido nos estágios anteriores. As instruções estão mais presentes aqui, no que se refere a partir das trocas e adições feitas por eles; É um período no qual começo aos poucos a instruir sobre direção cênica, escolhas de cena e dramaturgia, figurino, maquiagem, elementos cênicos e tempo da cena. O processo de edição das ideias pode acontecer em dupla ou solo, a escolha ficava a critério do estudante, de como ele se sentia para o processo. É um estágio de maturação das ideias para a cena, como de troca entre eles próprios, pois alguns optaram em fazer cenas em duplas.

Estágio 4 - Produto Final: É um período de apreciação, momento reservado para as apresentações e discussões acerca de todo processo de criação. Aqui, refletimos sobre o processo e a sua finalização. É importante dizer que, neste estágio, eu identifico as escolhas e

as preferências dos estudantes na elaboração do produto final. É um momento importante para eles porque materializa as ideias que, muitas vezes, nos estágios anteriores ainda não apareciam.

Considero que a improvisação em Dança possibilita modos de aprendizagens mais autônomos. No processo de construção de conhecimento não há “erros”, pois não existe a imposição de um acerto, o que há de relevante é o processo, são as descobertas, a autopercepção, a percepção do outro. A improvisação constrói caminhos e aponta outros, nada é fixo, tudo pode ser mudado, a ponto de ser compreendido de outra forma. Maria J. Alves, no artigo *A improvisação no ensino da Dança*, descreve:

O método de improvisar corresponde a uma estratégia cognitivo-perceptiva de produção de movimento que os profissionais de dança, coreógrafos, performers e professores, utilizam para desenvolver uma resposta motora aberta, criativa e intuitiva. (ALVES, 2011, p. 175)

Os relatos que apresentei são um pequeno fragmento do que foi o trabalho que desenvolvi no Instituto Federal de Pernambuco, todos baseados na prática da improvisação em Dança, mas há outras experiências tão significativas quanto as que apresentei, que não se basearam na improvisação.

Além das aulas, foco das reflexões deste capítulo, há os ensaios que resultam em montagens de espetáculos coreografados. É importante dizer que o Grupo de Teatro e Dança Arte em Movimento é bastante solicitado pela instituição, isso demanda criação de espetáculos no pequeno intervalo de tempo, o que compromete o processo. Muitas vezes não tinham tempo de vivenciar o processo de criação, de compreender e maturar as descobertas próprias da criação cênica.

Diante dessa realidade estruturei os processos de criação em Dança da seguinte forma: montagem coreografada, com movimentos que eu mesmo criava; e criações improvisadas, baseadas em estruturas cênicas semiestruturadas. Desse modo, dei continuidade ao trabalho que estava desenvolvendo nas aulas, e continuamos cumprindo com as demandas institucionais.

Produzimos espetáculos, performances e intervenções de Dança que foram apresentadas no próprio IFPE, em festivais de Dança de Recife e em outras cidades. É importante ressaltar que a prática compartilhada sempre esteve presente nestes trabalhos, a

ideia era que o compartilhamento fosse da direção do trabalho até a organização de figurinos, maquiagens e elementos cênicos para as apresentações. Segue abaixo alguns dos trabalhos desenvolvidos no período em que estive à frente do GAM.

“*Epifania*” - Espetáculo apresentado no IFPE - Campus Recife, na 13ª edição do Festival Estudantil de Teatro e Dança (FETED) da cidade do Recife e na 13ª edição do Festival de Artes de Goiás, na cidade de Goiás.

“*Pagode Russo*” - Coreografia de Dança apresentada no IFPE - Campus Recife e no Evento de Formatura de estudantes dos Cursos Técnicos/Profissionalizantes do Estado de Pernambuco.

“*Baianá*”; “*Mulher*” e “*Panapanã*” são coreografias apresentadas no IFPE - Campus Recife.

“*Rinocerontes Dromedário*” - Performance apresenta na 1ª Conferência de Artes do IFPE - Campus Recife (evento realizado pelos estagiários-regentes de Teatro e Dança);

“*Sarau IFPE*” - Esquetes de Dança que consiste nas montagens dos resultados dos trabalhos desenvolvidos na dinâmica *Corpo Compositor*, aqui citado, esquetes que foram apresentados na 1ª Conferência de Artes do IFPE - Campus Recife.

AS CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

Ensinar é um desafio, não aprendemos de um dia para o outro, e no meu caso, fui aprendendo a partir das observações nos lugares por onde passei juntamente com a minha formação acadêmica em Dança. É preciso pontuar a importância do Curso de Dança para a minha formação profissional. Nele tive acesso a leituras que nunca tinha ouvido falar, estudei metodologias, passei pelas experiências dos estágios curriculares, aprendi a relacionar os conhecimentos, a compreender o texto e os contextos da Dança e seu ensino.

É relevante pontuar a importância da minha formação acadêmica porque foi por meio dela que cheguei nas instituições de ensino onde atuei como professor. A nossa formação precisa ser reconhecida pelas instituições de ensino e pelo poder público. Ainda hoje, há inúmeros profissionais sem formação específica ocupando nossos lugares. Muitos desses

professores nunca tiveram uma aula sobre educação, práticas metodológicas, formas de avaliação etc. Neste espaço de formação aprendi algo importante para todo professor, como nos diz Paulo Freire:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor - que ensinar não é transferir conhecimento - não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 1996, 47)

Incentivado por este pensamento/conselho de Paulo Freire que venho construindo a minha prática docente. Não foi diferente no estágio do IFPE, me compreender como aprendiz junto com os estudantes possibilitou que a relação professor-aluno se estreitasse e fosse regada com respeito e admiração mútua. No IFPE comecei a consolidar minha prática pedagógica, compreendi o que seria a Dança na escola e a importância dela na formação sociocultural dos estudantes, possibilitando uma formação do sensível.

Ainda hoje, os aprendizados e conhecimentos são vistos e colhidos na minha vida e nas vida de muitos estudantes. São muitas lembranças que estão vivas nos corpos, pois o Dançar é vida. Ainda sou conhecido como tio Bob ou tio London, apelidos pelos quais marcaram um período de criatividade, imaginação, conhecimento, afeto e transformações através do ensino/aprendizagem na vida daqueles que se dispuseram a dançar comigo. Gratidão aos meus educandos do IFPE - Campus Recife de 2015!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa contribuiu para que eu pudesse refletir mais a fundo sobre a minha prática docente. Por meio dela, identifiquei o quão importante foi para mim as experiências dos estágios extracurriculares, como da Escola Municipal de Arte João Pernambuco e, sobretudo, o do Instituto Federal de Pernambuco, cuja relevância me conduziu até esta pesquisa.

Neste sentido, trazer a relevância das práticas desenvolvidas neste espaço de formação pontua fatos concretos de que o ensino/aprendizagem da Dança, estando inserido como componente curricular obrigatório no ensino básico, somará e contribuirá para formação de posturas socioculturais de todo educando que esteja em contato direto com esta educação.

Por essa razão, a pesquisa me fez entender os mecanismos pelos quais essa realidade ainda não se faz presente na sociedade, quando refletimos sobre as sobre as leis e esbarramos com a negligência do poder público com a educação nacional. Sendo assim, é importante que haja mobilização para não só do poder público, mas dos graduados em Dança pela criação de vagas na educação formal, por meio de concursos públicos.

Por essa razão, conclui que, ao que se refere à inserção da Dança como componente curricular obrigatório no ensino básico, ainda há de se enfrentar obstáculos e formalidades legais que precisam ser discutidas e reivindicadas para que entrem em vigor o cumprimento da lei que trata da Dança como área de conhecimento na educação básica.

Este trabalho também me ajudou a compreender que há processos que são demorados, até exaustivos para que aconteça de forma concreta as mudanças necessárias para uma educação de qualidade, como foi o caso da inserção da Dança no Instituto Federal de Pernambuco. É certo que, para se avivar ainda mais o ensino da Dança como prática de conhecimento reconhecida e que esteja no ambiente escolar, muitos outros exemplos e formas de discutir a Dança neste espaço devem surgir.

REFERÊNCIAS:

ALVES, M. J. A improvisação no ensino da dança. In E. Monteiro, & M. J. Alves (Eds), Livro de Atas do SIDD 2011, Seminário Internacional Descobrir a Dança, FMH, 10 - 13 NOV 2011 (pp 174 - 187). [CD - ROM]. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana, Serviço de Edições.

BLOGGER. Grupo Arte e Movimento. 2011. Disponível em: <http://aarteemmovimento.blogspot.com/> Acesso em: 14 de jul de 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1971. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm> Acessado em: 12 jul de 2012

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf> Acessado em: 12 jul de 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm / https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/Msg/VEP-622-08.htm Acesso em: 11 de Ago de 2021.

BRASIL. Governo Federal. Instituto Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://www.ifpe.edu.br/campus/recife> Acesso em: 13 de jul de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 31ª ed. São Paulo-SP : Paz e Terra, 1996.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na Escola**. 4 ed. São Paulo-SP: Cortez, 2007.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MARQUES, Isabel. Oito Razões para se ensinar dança na escola in: ICLE, Gilberto (org) **Pedagogia da Arte: entre-lugares da escola**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

MORANDI, Carla; STRAZZAPACA, Márcia. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas - SP: Papyrus, 2006.

VIEIRA, Marcilio S. **Histórias das ideias do ensino da dança na educação brasileira.**
Curitiba: Appris, 2019.